



## ATUAÇÃO PROFISSIONAL E *MOUNTAIN BIKE*: UM ELO PERDIDO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

César Teixeira Castilho

### RESUMO

*Esta pesquisa pretende discutir a atuação profissional dos indivíduos que atuam no lazer na natureza, através da modalidade mountain bike, no Estado de Minas Gerais. Embora seja uma prática muito comum nessa região, a atuação profissional ainda carece de diálogos mais efetivos quanto à apropriação da natureza como palco dessas experiências. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, através da observação participante e de entrevistas semiestruturadas. Além disso, analisou-se o currículo do curso de Educação Física em duas Universidades de Belo Horizonte com o intuito de detectar a inclusão ou não dessa modalidade na grade curricular. A atuação desses profissionais merece destaque e indícios demonstram vários equívocos na formação, atuação e diálogos com a sustentabilidade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** atuação profissional; *mountain bike*; lazer na natureza.

### INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da prática de *mountain bike* a partir dos anos 70 iniciou-se através de uma fusão entre o ciclismo de estrada e o BMX (bicicross) que agregou as características dessas duas modalidades em uma só, com freios e pneus largos, permitindo o uso em ambientes *off-road* e dentro das cidades. Desde então, a popularidade da *mountain bike* tem crescido substancialmente nos últimos 25 anos e continua em franca expansão (CHIU; KRIWOKEN, 2003).

A venda de *mountain bike* na Nova Zelândia supera os 80% quando analisamos a venda total de bicicletas nesse país (CESSFORD, 1995). O mesmo acontece nos Estados Unidos (WIDMER, 1997) e possivelmente em outros países do mundo, incluindo o Brasil. Em 1983, 20.000 *mountain bikes* foram vendidas nos Estados Unidos; após 10 anos, esse número chegou a 20.000.000 de vendas (WIDMER, 1997). Mesmo que um número considerável dessas bicicletas nunca tenha sido utilizado em trilhas, ou seja, em contato direto

com a natureza, assim como os carros fabricados para uso *off-road*, no entanto, é claro que um dos objetivos finais dessas compras é uma aproximação do meio natural.

Esse crescimento significativo no número de *mountain bikes* e a consequente utilização das mesmas em trilhas ao redor do mundo tem despertado interesse e, ao mesmo tempo, preocupações sociais, incluindo degradação ambiental, problemas com segurança e disputa por território em locais onde exista outras práticas de lazer na natureza, por exemplo, caminhantes. De fato, administradores de parques ambientais da Nova Zelândia (CESSFORD, 1995, 2003; MASON; LEBERMAN, 2000), Estados Unidos (CHAVES, 1996) e Austrália (GOEFF; ALDER, 2001) têm identificado como prioritária a discussão sobre a *mountain bike* enquanto um prática de lazer na natureza.

Os estudos apresentados anteriormente evidenciam que o grande desafio dessa modalidade tem sido a conciliação entre uma prática de lazer na natureza e sua relação com o ambiente natural, para usar um termo da moda, uma “prática sustentável”, considerando os aspectos positivos e negativos. Por um lado, existe um aumento no número de ciclistas nas trilhas e, por outro lado, uma discussão sobre sua viabilidade no âmbito ecológico.

No Brasil, os estudos envolvendo essa modalidade de lazer na natureza são escassos, mesmo sendo uma modalidade muito difundida, principalmente no Estado de Minas Gerais<sup>1</sup>. Estudos científicos que abordam esse tema de maneira mais crítica ainda são incipientes no nosso país e a maioria das informações a respeito discute mais os aspectos informativos e positivos dessa prática do que aspectos mais relevantes e de cunho social. Embora seja tema constante nos debates em *sites*, *blogs* e outras mídias eletrônicas, a sistematização de dados é quase inexistente.

Os profissionais que atuam com o lazer na natureza, nesse estudo caracterizado pela modalidade de *mountain bike*, são sujeitos de extrema importância quando pensamos em “educação *para e pelo* lazer” (PINTO, 2008, p. 47). As experiências de lazer que encontram na natureza o seu lugar privilegiado, através dos seus profissionais, podem gerar discussões pertinentes quanto à preservação e degradação ambiental, aspectos relacionados à cultura local dos vilarejos visitados, relação corpo e natureza, entre outros. Dessa forma, algumas perguntas servirão como guia para este estudo: de que forma a natureza é compreendida na prática de *mountain bike*? Quais os aspectos ambientais existentes nessa modalidade, seja no âmbito da preservação, seja no âmbito da degradação? Qual a relação entre a formação desses indivíduos e a atuação dos mesmos?

---

<sup>1</sup> <<http://www.euvoudebike.com/2010/07/mountain-bike-em-minas-gerais>>

A seguir, será apresentado o percurso metodológico utilizado nesse estudo, bem como os resultados oriundos da pesquisa de campo e as análises bibliográficas utilizadas.

## METODOLOGIA

Considerando que a ação humana é fundamentalmente simbólica, a presente pesquisa propôs a realização de uma investigação *qualitativa*. Assim, vai ao encontro dos pressupostos descritos por Bodgan; Biklen (1982, p. 27):

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por: ter um ambiente natural como fonte direta dos dados, possuir o pesquisador como instrumento-chave, ser descritiva e estar preocupada com o processo e tender a analisar os dados indutivamente.

Os preceitos de uma pesquisa qualitativa visam abranger as questões que remetem às próprias entranhas do positivismo sociológico que apenas reconhece como ciência a atividade “objetiva”, capaz de traçar as leis e as regularidades que regem os fenômenos, menosprezando os aspectos chamados “subjetivos”, impossíveis de serem sintetizados em dados estatísticos (MINAYO, 2010).

Segundo Laville; Dionne (1999, p.112) a pesquisa bibliográfica consiste em “revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir para sua pesquisa”. Contudo, as autoras lembram que toda pesquisa tem um foco de interesse e para não perder de vista a pergunta central, elas propõem as “bibliografias temáticas”. Nesse sentido, para fundamentar a pesquisa foram enfatizados os seguintes tópicos: atuação profissional em lazer, lazer na natureza e *mountain bike*.

Para coletar informação a propósito de fenômenos humanos, o pesquisador pode encontrar informações observando o próprio fenômeno, ou interrogando pessoas que o conhecem (LAVILLE; DIONNE, 1999). O estudo de campo dessa pesquisa utilizou duas estratégias metodológicas de coleta de dados: a observação não estruturada e a entrevista semiestruturada, conforme os detalhamentos apresentados a seguir.

Com o intuito de realizar a observação participante realizou-se dois passeios de *mountain bike* junto da empresa estudada: o primeiro, na cidade de São Gonçalo do Baçã<sup>2</sup> e, o segundo, nos arredores da cidade de Brumadinho<sup>3</sup>, região metropolitana de Belo Horizonte.

---

<sup>2</sup> São Gonçalo do Baçã: cidade localizada a 70 Km de Belo Horizonte;

<sup>3</sup> Brumadinho: cidade localizada à 50 Km de Belo Horizonte.

A escolha foi aleatória e pretendeu-se observar a atuação desses indivíduos com os praticantes, bem como a forma que os mesmos construíam a relação entre experiência de lazer e natureza.

As entrevistas semiestruturadas caracterizam-se pela maior liberdade do pesquisador frente à ordem e ao acréscimo de perguntas improvisadas. No entanto, isso não quer dizer que não tenha uma orientação prévia (LAVILLE; DIONNE, 1999). As entrevistas foram guiadas pelo eixo orientador do lazer na natureza, enfatizando a percepção dos profissionais envolvidos no campo de atuação e na interação desses indivíduos com os participantes.

O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) possui todas as informações pertinentes relativas à pesquisa. Antes de iniciada as entrevistas, foram entregues e assinados os TCLEs junto dos respectivos voluntários, conforme recomendações da Resolução 196/96 (BRASIL, 1996), tendo recebido uma cópia do documento.

Além do trabalho de campo descrito anteriormente, também ocorreu uma pesquisa com base documental afim de analisar a inclusão de disciplinas no curso de graduação em Educação Física em duas Universidades situadas na cidade Belo Horizonte, uma instituição pública e outra privada. Analisou-se de forma investigativa o currículo dessas duas instituições e, complementando, realizou-se conversas informais com indivíduos que estudaram nesses locais em períodos distintos.

A Análise de Conteúdo foi a técnica utilizada para a interpretação dos dados da pesquisa qualitativa em questão. Este instrumento metodológico de tratamento da informação pode ser caracterizado como um recurso para compreender o processo de constituição das percepções, atitudes e representações de grupos específicos, com a vantagem de permitir uma comparação sistemática de dados. É uma hermenêutica controlada, baseada na dedução e que permite abordar uma grande diversidade de objetos de investigação. Seu princípio é desmontar a estrutura e os elementos do conteúdo estudado para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação (LAVILLE; DIONNE, 1999).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### LAZER NA NATUREZA

O lazer na natureza, analisado no presente estudo em associação às concepções do lazer, não pode ser analisado como algo fora da realidade. O mesmo está repleto de

contradições, principalmente quando associamos conceitos relacionados à consciência ecológica, ao meio ambiente, ao papel da natureza, entre outros. A busca do ambiente natural como vivência lúdica é tão antiga quanto a própria história humana. No entanto, ao se propor analisar os profissionais do lazer na natureza, na modalidade *mountain bike*, deve-se estar atento às mudanças na relação entre ser humano e natureza e que sofreram grandes influências do desenvolvimento dos centros urbanos e do distanciamento das áreas naturais.

Quando se analisa, de maneira crítica, como se deu historicamente a relação entre ser humano e mundo natural na Europa Ocidental, principalmente entre os séculos XV e XVIII, fica evidente perceber a origem do distanciamento tão comumente visível e discutido nas pesquisas acadêmicas da área. A influência que nós, pesquisadores do Brasil, padecemos dos estudos europeus e americanos é tão avassaladora que, além da exploração territorial, herdamos também a interação dos mesmos para com o ambiente natural, visto como fornecedor de matéria prima e nada mais.

Nesse aspecto, quando nos aproximamos dos ambientes naturais ainda é evidente a dicotomia abissal que nos separa da compreensão e harmonia para com o meio ambiente. Cabe ressaltar que a visão dos indígenas frente a natureza é bem distinta desse olhar herdado pelo homem branco europeu e ocidental. Embora os índios dependam dos recursos naturais para a sobrevivência, existe um respeito enorme com relação à floresta e seus constituintes. No entanto, nós brasileiros brancos e moradores do mesmo espaço físico deles, não nos apropriamos desses preceitos e, pelo contrário, demonstramos desrespeito para com esta população anteriormente maioria e, hoje em dia, minoria.

O lazer na natureza, levando em consideração a dicotomia abordada anteriormente, pode contribuir para que haja um estreitamento nesse laço. No entanto, para que isso seja possível, a formação dos profissionais que atuam nessa área deve compreender estas noções e, principalmente, a utilização das diversas experiências *outdoor* como educação de um olhar mais sensível. No trabalho de campo, ficou evidente que os cursos de graduação das Universidades estudadas não se comprometem com estes conteúdos e, quando acontece, a abordagem é superficial e ineficaz.

## ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A atuação profissional em lazer deve ser entendida como um área multidisciplinar que possibilita sua concretização em propostas também interdisciplinares, por meio da

participação de profissionais com diferentes formações. Embora o lazer possibilite uma gama de atuação diversa, é comum o pensamento de que para atuar nesse campo não seja necessário ter uma formação específica e aprofundada sobre este fenômeno.

O lazer, pelas suas peculiaridades, não é caracterizado como categoria profissional plena no mercado de trabalho. Talvez por esse motivo, seja um campo pouco reconhecido e pouco valorizado mesmo que as possibilidades de ação ultrapassem outros tantos setores de atuação (PINA, 1995).

Levando em consideração todas as possibilidades de atuação do setor do Lazer, o trabalho informal nesse segmento deve superar a média padrão do mercado de trabalho. Os vínculos empregatícios frágeis, a contratação temporária e remuneração deficitária contribuem ainda mais para que a clandestinidade dessa área permaneça em elevação. Estudos realizados no Brasil correlacionando lazer e trabalho informal (COSTA, 2008; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2005), apontam para um aumento significativo desse tipo de vínculo durante o carnaval da Bahia e no carnaval fora de época da cidade de Natal.

A segurança dos praticantes é um conhecimento primordial para estes profissionais visto que o risco é uma característica inseparável dessas modalidades. Segundo Buckely e Uivinha (2011) as medidas de gestão de risco podem ser divididas de forma útil em seis grupos: comerciais, legais, médicas, operacionais, físicas e sócias. São conhecimentos amplos e que exigem uma formação completa desses indivíduos.

Na mesma direção, Carnicelli (2010, p. 285) enfatiza que “todas as atividades outdoors requerem guias especializados que sejam capazes de minimizar os riscos inerentes na natureza dessas modalidades”. Assim, além dos conhecimentos específicos do domínio do Lazer, estes indivíduos devem se apropriar de uma instrução sobre primeiros socorros e possíveis ataques de animais peçonhentos.

No campo do lazer na natureza, é muito comum a contratação de um profissional pelo simples fato do mesmo ser um praticante daquela modalidade. O trabalho de Stoppa (1999), sobre monitores de acampamento de férias, reforça esta tendência. Muitos adolescentes ex-acampantes acabam sendo contratados pelo simples fato de gostarem desse tipo de proposta, por conhecerem a sistemática e estarem disponíveis para esse trabalho, às vezes em troca de qualquer remuneração.

Os limites entre o trabalho e o lazer dos profissionais que atuam no lazer na natureza são imprecisos. A maioria dos indivíduos que atuam nessa área também vivenciam o lazer na natureza nos momentos livres. Essa divisão entre estes dois campos tem sido tema de

discussão significativa em várias disciplinas acadêmicas (BETTY; TORBET, 2003; DUMAZIDIER, 1967; GLYPTIS, 1989; PARKER, 1971, 1983). Alguns autores do século passado enxergavam dois domínios distintos e opostos (DUMAZEDIER, 1967; SOULE, 1957; GIST; FAVA, 1964) e, atualmente, começaram a ser analisados como dois conceitos que se relacionam e que podem ser experimentados no mesmo tempo (CARNICELLI, 2010; BEATTY; TORBET, 2003).

Os profissionais envolvidos nesse estudo possuem o mesmo comportamento citado anteriormente, além de trabalharem com a prática de *mountain bike*, são praticantes dessa modalidade e, principalmente, amantes das bicicletas. Um assunto muito recorrente nos passeios realizados, foi o uso das mesmas como possibilidade alternativa de transporte.

Os profissionais que atuam com experiências de lazer na natureza, além das discussões supracitadas, estão envolvidos em questões relacionadas ao meio ambiente e, mais do que isso, possuem acesso à uma ferramenta que pode disseminar reflexões pertinentes quando pensamos nos aspectos ambientais. A procura dos indivíduos pelas práticas de lazer na natureza é cada vez mais intensa e, conseqüentemente, a demanda por profissionais capacitados torna-se uma necessidade.

A ação desses profissionais deve ser repensada a respeito de quais pressupostos e quais encaminhamentos ela deve ser processada. Afinal, quando pensamos em aspectos mais amplos como a educação ambiental, a ação deve ultrapassar a mera informação e o simples desenvolvimento de conteúdos, para que a intervenção com diferentes grupos possa ampliar os intercâmbios de experiências, objetivando a efetiva participação cultural.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na pesquisa de campo do presente estudo relacionado à modalidade *mountain bike*, além das entrevistas efetuadas com os profissionais proprietários da empresa de passeio ciclístico, foram realizados dois passeios: um na cidade de São Gonçalo do Baçõ e outro nos arredores de Brumadinho. A empresa não possui sede física na cidade de Belo Horizonte e utiliza-se do contato com lojas de bicicleta e do próprio *site* para divulgar seus eventos. O propósito é exclusivamente recreacional.

Os clientes envolvidos nesses passeios eram, predominantemente, homens, com idade variando entre 25 e 40 anos de idade, alto poder aquisitivo<sup>4</sup> e praticantes não profissionais de

---

<sup>4</sup> As bicicletas de *mountain bike* podem chegar a custar R\$ 10.000,00 nas lojas de Belo Horizonte.

ciclismo. Além da prática nos finais de semana, constatou-se que os mesmos também utilizam a bicicleta como meio de transporte no dia-a-dia da cidade, este detalhe ficou claro durante as conversas informais ao longo dos passeios.

As profissões dos participantes eram bem diversa, para exemplificar, havia desde um policial que atuava como carcerário em uma penitenciária de Belo Horizonte até um jovem recém formado no curso de Tecnologia da Informação e, segundo suas próprias palavras, “viciado em esportes de adrenalina”. Interessante pontuar como uma atividade de lazer pode recrutar pessoas tão distintas em termos profissionais e que se envolvem em um domingo qualquer em uma atividade lúdica. O trecho do diário de campo ilustra bem esta discussão:

O grupo era composto por um policial civil, um designer, um geógrafo, entre outros. No entanto, um adulto jovem que trabalha na área de Tecnologia da Informação foi o que me chamou mais atenção. Dono de uma personalidade mais ativa, ele confessou que se não praticasse esportes de aventura (o mesmo pratica desde escalada em rocha, até paraquedismo) todo final de semana, certamente seria um usuário de droga frenético. (Diário de Campo, 08/06/2012)

Da mesma forma, a formação acadêmica dos quatro profissionais proprietários da empresa se diferenciava bastante, sendo um deles publicitário, dois professores de educação física e um biólogo. Este detalhe vai ao encontro das discussões acerca do lazer, caracterizado como campo interdisciplinar e que envolve profissionais de várias origens, abrangendo diversas formações.

Quando questionados sobre a inclusão da modalidade *mountain bike* na grade curricular dos cursos de graduação dos voluntários, a resposta foi unânime quanto a não abordagem desse conteúdo e da busca por este conhecimento fora dos “muros” universitários. A maioria desses sujeitos se envolveu com a modalidade através da prática – alguns já foram ex-atletas – e, dois deles, procuraram cursos de aperfeiçoamento a respeito do tema em lugares alternativos. Levando em consideração somente o curso de graduação em Educação Física, esperava-se que alguma disciplina abordasse a prática do ciclismo de alguma forma.

A empresa existe há aproximadamente 11 anos e é especializada em passeios ciclísticos de *mountain bike* e travessias de longa duração nas trilhas da Estrada Real. Os sócios não sobrevivem somente com as verbas adquiridas da empresa, pelo contrário, enfatizaram que o sonho de abrir uma agência para lazer na natureza foi regido principalmente pelo amor à bicicleta. Este detalhe, nas outras entrevistas da pesquisa, também foi abordado pelos profissionais. A seguir, trecho da entrevista com um dos proprietários da

empresa:

*Nossa atividade é pura paixão, amor a bicicleta e vontade de reunir um grupo para pedalar no final de semana. Imagina se eu pudesse largar a agência de publicidade e viver somente dos passeios, seria uma maravilha, mas não dá! Ainda mais agora que estou casado e com um filho pequeno.*  
(Voluntário 1, entrevista realizada no dia 15/11/2012)

Interessante observar que durante 2 anos a empresa ficou fechada por motivos pessoais de um dos sócios. Esse fato demonstra que trata-se de uma atividade amadora, em certos aspectos, mas que envolve grande carga afetiva no que concerne à atividade. Durante as conversas informais, os quatro proprietários falaram da relação deles com as *magrelas*<sup>5</sup> que vem desde a infância e que permeia vários momentos da vida pessoal de cada um.

Assim como todas as vivências de lazer na natureza, o *mountain bike* também possui seus aspectos positivos e negativos quando pensamos em degradação ambiental. Na linha de frente dessa modalidade, estão os profissionais que atuam nesse setor e que podem influenciar nos impactos, benéficos ou maléficos, dessa prática.

Dessa forma, é preciso destacar alguns detalhes que foram analisados na pesquisa de campo e que merecem uma discussão com a literatura atual sobre a *mountain bike*. Em primeiro lugar, é preciso analisar a cartilha enviada pela empresa e que, de maneira geral, enfatizava vários itens que constituem a prática dessa modalidade. Além dos aspectos técnicos e de segurança que a atividade requer, pouco foi abordado quanto aos aspectos culturais da região do passeio e, muito menos, sobre uma conduta ecológica por parte dos ciclistas.

O profissional do lazer na natureza não pode reduzir a sua atuação aos aspectos técnicos e de segurança, mesmo sabendo da importância desses quando pensamos nas modalidades que compõe este campo. Durante os dois passeios, que tiveram uma duração de aproximadamente 8 horas – desde seu início até a chegada no vilarejo –, em nenhum momento se destacou alguma possível relação de degradação entre o uso excessivo de *mountain bikes* e as trilhas utilizadas, muito menos algum aspecto relacionando “controle de velocidade” ou “sensibilidade” e possíveis acidentes.

Sobre este assunto, vários pesquisadores (CHIU; KRIWOKEN, 2003; GOEFF; ALDER, 2001) alertam para o perigo existente quando se realiza uma trilha em alta velocidade gerando uma pouca capacidade de reação e a possibilidade de ocorrência de

---

<sup>5</sup> Forma carinhosa de se designar às bicicletas, muito comum entre os ciclistas.

acidentes do tipo colisão com cavalos, praticantes de caminhada e ou motocicletas. No passeio realizado, todas essas possibilidades aconteceram e, por sorte, nenhum acidente ocorreu.

A atividade de *mountain bike* ainda é regida pelo princípio do risco. Tanto os profissionais envolvidos, quanto os praticantes, buscam na velocidade e na dificuldade da trilha uma aproximação com o perigo. Este detalhe é muito explorado pela indústria do consumo que, conseqüentemente, visa o aumento da venda de bicicletas e de outros produtos relacionados. Isso é perceptível no vestuário dos praticantes, no *design* e nas cores das bicicletas e, principalmente, nas propagandas relacionando a prática com a aventura.

A *mountain bike*, por outro lado, poderia ser praticada de maneira mais branda e, nesse sentido, agregar valores relacionados à contemplação, menor degradação ambiental e diminuição de acidentes. No trabalho de campo, os momentos de menor velocidade e competitividade foram raros e parece que esses elementos adicionam à prática um maior divertimento entre os praticantes. Nesse aspecto, o trecho do diário de campo complementa as análises:

Ficou claro que a competição, mesmo se tratando de um passeio, era um grande motivador. Nas subidas, o desafio era completar sem a necessidade de descanso e, nas descidas, a alta velocidade era o fator primordial. Após esses momentos, o grupo parava e esperava os que ficavam para trás. Havia um bate-papo legal nessas horas e depois, mais competição. (Trecho do Diário de Campo, 11/11/2012)

Não existiu nenhum incentivo para uma prática mais branda e contemplativa entre os profissionais envolvidos no passeio e, pelo contrário, havia um incentivo no que diz respeito à competição entre os participantes aumentando os riscos inerentes dessa prática. O lazer contemporâneo parece, nesse sentido, expressar as características do dia-a-dia nos grandes centros urbanos – competitividade excessiva e individualismo – com o intuito de maior divertimento entre os praticantes. Não seria justamente o oposto disso o sentido desse tipo de lazer na natureza?

Outro aspecto muito discutido na produção teórica sobre o tema, e que é muito frequente nos passeios de *mountain bike* nos arredores de Minas Gerais, é a disputa por território com as motocicletas. Normalmente, os praticantes dessa modalidade discriminam e criticam veementemente os usuários de motos de trilha. Interessante perceber que, nos Parques Nacionais da Nova Zelândia, especificamente na trilha de Queen Charlotte (CESSFORD, 2003), a crítica parte dos caminhantes, pessoas que realizam *trekking* contra

aqueles praticantes de *mountain bike*.

A mesma situação é descrita nos estudo de Moore (1994) nos Estado Unidos. Assim como no Brasil, as trilhas percorridas pelos praticantes de *mountain bike* é a mesma utilizada pelos caminhantes, pelos praticantes de cavalgada, pelas motocicletas e pelos jipes quatro por quatro. Dessa forma, esses percursos são denominados de *trilhas de uso múltiplo*<sup>6</sup>. A preocupação social primária é a segurança dos praticantes, a degradação das trilhas, a falta de consciência ambiental e o uso inapropriado de tecnologias em ambientes naturais (CESSFORD, 1995). Esses conflitos, quando não debatidos e solucionados, pode levar à perda do uso desses ambientes como possibilidade de lazer na natureza e, ao mesmo tempo, um aumento no número de acidentados.

Nas trilhas nos arredores de Minas Gerais, os problemas enfrentados são os mesmos. Pouca informação é divulgada nesse aspecto e a prática da modalidade que primariamente relaciona-se com a diversão, transforma-se em um campo de batalha. A atuação dos profissionais poderia alavancar discussões pertinentes nesse aspecto, principalmente na relação entre praticantes e meio ambiente. O uso livre desses espaços não pode ser encarado como sinônimo de desorganização, pelo contrário, deveria possibilitar a criação de normas para uma melhor convivência.

Horn e col. (1994) destacam que a maioria dos conflitos entre caminhantes e *mountain bikers* na Nova Zelândia acontece nas áreas próximas das cidades e que 65% dos praticantes de *trekking* que participaram do estudo declaram “não gostar” dos ciclistas. Carrothers e col. (1998) demonstram em seu estudo que o nível de conflito entre os caminhantes e os *mountain bikers* é consideravelmente mais elevado do que entre os *mountain-bikers* os caminhantes. Nesse sentido, pode-se observar a mesma relação nas trilhas do Brasil. O praticante mais frágil, ou seja, que possui menos força física, parece apresentar um conflito mais evidente quando comparado ao praticante mais forte. Na conversa com os proprietários da agência e com os participantes do evento ficou claro que a revolta maior acontece em relação às motocicletas e os jipes, pouco foi mencionado em relação aos caminhantes.

Nas situações descritas anteriormente, ficam evidentes os embates enfrentados pela modalidade de *mountain bike*. A mesma por ser encarada como mais ou menos benéfica dependendo da comparação que realizamos e do ângulo em que a enxergamos. Este caráter ambiental multifacetário – ora preservação e ora depredação – é muito recorrente nos estudos sobre lazer na natureza e poderia estar mais presente no discurso e práticas dos profissionais

---

<sup>6</sup> *Multiple-use trials* (MOORE, 1994).

desse âmbito. Talvez o caráter amador dessa empresa e ou a formação deficitária dos seus profissionais sejam contribuintes para que este discurso prevaleça, no entanto, são assuntos essenciais e que possibilitariam uma ampliação no caráter ecológico da modalidade *mountain bike*.

A busca por conhecimentos nesse sentido parece não ser prioridade dos profissionais envolvidos na pesquisa. Quando questionados sobre atualizações, curso de pequena duração, ou outro componente associado à uma melhora no serviço prestado, todos os entrevistados relataram que não realizam. Na graduação dos mesmos, os assuntos relacionados à modalidade também é inexistente. No caso do curso de publicidade, isso é compreensível, porém, quando pensamos na graduação em Educação Física, parece haver uma lacuna no currículo. A modalidade de *mountain bike*, embora seja muito praticada no Estado de Minas Gerais como lazer e ou competição, não aparece na grade curricular de quase nenhum curso universitário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação profissional no lazer na natureza ainda apresenta-se carente quanto ao foco de pesquisas críticas no âmbito do lazer e isso se reflete na própria prática desses sujeitos – seja na relação com os praticantes, seja na disseminação de uma atitude mais sustentável na relação com o meio ambiente. A ênfase no divertimento puro e na atividade com um fim nela mesma são os únicos componentes valorizados por estes indivíduos, mesmo que aparentam uma vida menos consumista e uma relação mais amistosa com a natureza.

Na análise documental dos currículos em duas Universidades da cidade de Belo Horizonte não foi detectada nenhuma disciplina na graduação em Educação Física (Bacharelado ou Licenciatura) que enfatizasse o ciclismo como conteúdo programático. Embora alguns professores possam entender que este conteúdo não pode ser aplicado nas Escolas, vários países (entre eles, Austrália e Nova Zelândia) utilizam das bicicletas para uma educação corporal ampla e que ultrapasse o território escolar, no sentido literal.

Pensando no Brasil e, especificamente, em Minas Gerais, é inconcebível que uma modalidade como o *mountain bike* não esteja presente no currículo do curso em Educação Física. Enquanto outros conteúdos são explorados por quase toda a graduação, modalidades instigantes e que possuem uma diversidade natural são deixadas de lado. No país do futebol, infelizmente, outras possibilidades de lazer são menosprezadas e colocadas em segundo

plano.

## PROFISSIONAL PERFORMANCE AND MOUNTAIN BIKE: A MISSING LINK IN THE TEACHING OF PHYSICAL EDUCATION

### ABSTRACT

*This research aims at discussing the professional performance of individuals that work with nature-based activities, through the mountain bike field, in the State of Minas Gerais. Although it is widely practiced in the region, there is still a lack of dialogue concerning this option of leisure and the possibilities involved. We conducted a qualitative research through participant observation and semi-structured interviews. In addition, we analyzed the curriculum of Physical Education degree at two Universities in the city of Belo Horizonte in order to detect whether or not they include this modality in the curriculum. The professional's performance, observed from the field, proved to be deficient in several aspects.*

KEYWORDS: professional performance; mountain bike; nature-based activities.

## DESEMPEÑO PROFESIONAL Y MOUNTAIN BIKE: UN ESLABÓN PERDIDO EN LA ENSEÑANZA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA

### RESUMEN

*Esta investigación tiene como objetivo discutir el desempeño de las personas profesionales que trabajan con actividades basadas en la naturaleza, vía mountain bike, en el Estado de Minas Gerais. A pesar de que es una práctica generalizada en la región, todavía hay una falta de diálogo sobre esta opción y las posibilidades de ocio que participan. Se realizó una investigación cualitativa a través de la observación participante y entrevistas semi-estructuradas. En la adicción, se analizaron los planes de estudio de grado de Educación Física de dos Universidades de la ciudad de Belo Horizonte, a fin de detectar si esta modalidad está incluida en el plan de estudios. O desempeño profesional, observada desde el campo, ha demostrado ser deficiente en varios aspectos.*

PALABRAS-CLAVE: desempeño profesional; mountain bike; ocio en la naturaleza.

## REFERÊNCIAS:

BEATTY, J. E. & TORBET, W. R. The false duality of work and leisure. *Journal of Management Inquiry*, 12(3), 239-252, 2003.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. *Qualitative research for education: an introduction for the theory and methods*. Boston, Allyn and Bacon, p. 27-30, 1982.

BUCKLEY, R.; UIVINHA, R. R. *Turismo de Aventura: gestão e atuação profissional*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CARNICELLI, S. F. Rafting guides: leisure, work and lifestyle. *Annals of Leisure Research*. Published: Australian and New Zealand Association for Leisure Studies. Vol. 13, Nº 1 e 2, p. 282-297, 2010.

CARROTHERS, P.; VASKE, J. J.; DONNELLY, M. P. Social values versus interpersonal conflict, 1998. IN: GOEFT, U.; ALDER, J. *Sustainable Mountain Biking: A case study from the southeast of western Australia*. *Journal of Sustainable Tourism*. Vol. 9, Nº 3, 2001.

CESSFORD, G. Perception and reality of conflict: walkers and mountain bikes on the Queen Charlotte Track in New Zealand. *Journal for Nature Conservation*, Nº11, 310-316, 2003.

CESSFORD, G. *Off-road mountain biking: a profile of participants and their recreation settings & experience preferences*. Wellington: Department of Conservations, 1995.

CHAVES, D. *Mountain biking: issues and actions for USDA Forest Service Managers*. Research Paper PSW-RP-226-Web. Albany, CA, Pacific Southwest Research Station, Forest Service, US Department of Agriculture, 1996.

COSTA, E. C. A. Os ambulantes no carnatal: oportunidades de trabalho ou lazer? *Revista Eletrônica Inter-Legere*. Nº 3, 2008.

DUMAZEDIER, J. *Towards a society of leisure*. London: Lutterworth Press, 1967.

GIST, N. P.; FAVA, S. F. *Urban society*. New York: Crowell, 1964.

GOEFF, U.; ALDER, J. Sustainable Mountain Biking: a case study from the Southwest of Western Australia. *Journal of Sustainable Tourism*, Vol. 9, Nº 3, 2001.

HORN, C.; DEVLIN, P.; SIMMONS, D. Conflict recreation: the case of mountain bikers and trampers. *New Zealand: Department of Conservation*, 1994. Disponível em: [www.mountainbike.co.nz/politics/articles/horn](http://www.mountainbike.co.nz/politics/articles/horn).

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MASON, P.; LEBERMAN, S. Local Planning for recreation and tourism: a case study of mountain biking from New Zealand's Manawatu Region. *Journal of Sustainable Tourism*, Vol.

8, Nº 2, p. 97-115, 2000.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª Edição – São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R. Carnaval, turismo e trabalho informal na Bahia: tanto negócio, tanto negociante. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 15-25, 2005.

PARKER, S. R. *The future of work and leisure*. London: MacGibbon & Kee, 1971.

PARKER, S. R. *Leisure and work*. London: George Allen & Unwin, 1983.

PINA, L. W. Multiplicidade de profissionais e de funções. Em: MARCELLINO, N. C. (Org.) *Lazer: formação e atuação profissional*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

PINTO, L. M. S. M. Lazer e educação: desafios da atualidade. Em: MARCELLINO, N. C. *Lazer e Sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

SOULE, G. The economics of leisure. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 313, 16-24, 1957.

WERNECK, C. L.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. *Lazer e Trabalho*. Campinas – SP: Papyrus, 2001.

WIDMER, M. Management through education: a mountain biking curriculum. *Trends*. 34(3), p. 22-26, 1997.